



## Já é hora de uma ação extemporânea

### It's about time for untimely action

**Benjamin Gagnon Chainey** 

Universidade de Dalhousie (Halifax). Nova Escócia, Canadá. benjamin.gagnon-chainey@umontreal.ca

O romance *Jardin Radio*, escrito em francês pela autora quebequense Charlotte Biron, conta a jornada de seu alter ego após o diagnóstico de um tumor mandibular, a série de cirurgias às quais foi submetida e os longos e solitários períodos de convalescença durante e depois daqueles severos tratamentos. Em um trecho particularmente encantador, ela comenta que “a cirurgia se aproxima, o tempo voa, as horas correm em um ritmo impossível, em um ritmo que eu não conhecia” (tradução nossa).<sup>1</sup>

A notícia do diagnóstico perturba não só a mente – a negação pode produzir maravilhas para contrariar esse aspecto – mas também a respiração, o ritmo cardíaco, a súbita preguiça dos músculos, todos os tipos de ritmos sobre os quais só podemos ter um controle limitado. Para ajudá-la a superar a doença e a sucessão de tratamentos, Biron ouve rádio. Quando ouve as vozes que parecem vir de outro lugar, ela consegue imaginar que não está apenas deitada de costas no chão. Contudo, ouvir aquelas vozes consoladoras “requer paciência, não podemos falar nem nos movermos. Para perceber as vozes, é preciso ficar quieto, senão elas desaparecem, fogem de nós” (tradução nossa).<sup>1</sup> Para Biron, então, a presença tranquilizadora de outras

vozes não é simplesmente uma questão de ligar o rádio e deixá-las ecoar. É preciso sintonizar-se com elas, adotando um ritmo específico, o da enfermidade, que faz o coração acelerar, mas também faz com que todo o restante do corpo flua mais devagar, em um processo de espera aparentemente interminável (por uma consulta, por notícias provenientes do hospital, por uma mensagem de um amigo...). O romance é um testemunho da temporalidade paralela em que as pessoas que sofrem de enfermidades se encontram, aparentemente fora de sincronia com o resto do mundo, não ousando gastar muito tempo de uma só vez, pois podem estar vivendo com seus dias contados.

Este tipo de dívida interessa a Derrida, que se interroga sobre o “condição da dívida e o trabalho do luto” no seu livro *Specters of Marx*, lançado em 1994.<sup>1</sup> Derrida cita, como epígrafe de seu livro, uma frase poderosa do *Hamlet* de Shakespeare: “o tempo está fora de controle”.<sup>2</sup> Está desarticulado, caiu do seu encaixe, tornou-se literalmente anacrônico – atemporal. Este pronunciamento, observa Derrida, ocorre enquanto o jovem Hamlet, príncipe da Dinamarca, como Biron, ouve vozes. No entanto, ao invés de adotar a perspectiva dos enfermos, dos



agonizantes ou dos mortos, a tragédia de Shakespeare assume a perspectiva daqueles que as contornam e sobrevivem. O jovem Hamlet é visitado pelo fantasma de seu pai, pedindo vingança por seu assassinato. O encontro com o fantasma de seu pai e com uma voz sobrenatural faz com que o jovem príncipe mergulhe na temporalidade alternativa que *Jardin Radio* evoca: “Uma assimetria espectral [...] dessincroniza, nos remete à anacronia”.<sup>2</sup> Cumprir o desejo de um pai, corrigir um erro, fazer o que deve ser feito – em uma palavra, cuidar – assim desarticula o tempo, quebra a sua linearidade, faz com que os eventos aconteçam todos ao mesmo tempo, um pedido do além-túmulo para visitar um passado que ficou para trás e restaurar uma sequência que deveria ter existido, mas nunca existiu. “Há vários momentos do espectro [e] ninguém pode ter certeza se, ao devolvê-lo, poderá testemunhar um passado vivo ou um futuro vivo [...]”.

A enfermidade, mas também o cuidado dos enfermos e o luto pelos mortos, exige permitir-se viver um tempo diferente, uma intempestividade encarnada onde ritmos diferentes coexistem, afastados do tumulto rápido daqueles para quem a saúde não é uma preocupação imediata. Mais do que um fluxo cronológico, é um tempo *kairótico*, sensível ao contexto e que permite divagações e repetições, hesitações e mudanças de ritmo.<sup>3</sup> O cuidado e o luto exigem “intempestividade e desajustamento do contemporâneo”.<sup>2</sup> Nesse sentido, a experiência íntima da enfermidade é comparável a uma forma de criatividade. Nas suas *Untimely meditations*, Nietzsche<sup>4</sup> já havia notado que a filosofia inspirada requer “reflexões repentinas” que vão contra o fluxo do tempo, que se recusam a se conformar com a ordem pontual (*unzeitgemässe*), que estão “fora de época” e fora de moda. O poder de tal filosofia, e a sua intempestividade, advêm precisamente do fato de que adota a perspectiva do enfermo para criticar o que os outros julgam ser o padrão de saúde, além de que considera as supostas conquistas da sociedade atual como males: “Mas isso é doentio, esta vida desenhada, e precisa ser curado. Está doente com muitas enfermidades”.<sup>4</sup> Nietzsche apresenta um diagnóstico: “todos sofremos de uma febre consumidora da história e deveríamos pelo menos reconhecer que estamos sofrendo dela”.<sup>4</sup> Agamben<sup>5</sup> resume poderosamente a visão de Nietzsche sobre a intempestividade: “Aqueles que são verdadeiramente contemporâneos, que pertencem verdadeiramente ao seu tempo, são aqueles

que não coincidem perfeitamente com ele, nem se ajustam às suas exigências. [...] Entretanto, precisamente por essa condição, precisamente por essa desconexão e por esse anacronismo, eles são mais capazes do que outros de perceber e compreender o seu próprio tempo”. Aqueles que estão enfermos ou cuidam de alguém enfermo, ou talvez até de luto, podem assim encontrar-se precisamente no tipo de mudança temporal que lhes permite perceber verdadeiramente a realidade que os circunda. A epistemologia da enfermidade (como a de Canguilhem<sup>6</sup>), conseqüentemente, não deveria ser apenas sobre como os saudáveis podem saber sobre a doença e os doentes, mas também sobre como estar doente proporciona uma forma particular de conhecer e interagir com o mundo, incluindo aquele vivenciado pelos saudáveis. No entanto, a experiência e o conhecimento dos doentes e daqueles que cuidam deles e choram por eles passam em grande parte despercebidos, porque aqueles que os cercam, incluindo os profissionais de saúde, não conseguem imaginar e incorporar um fluxo de tempo diferente.

Por conseguinte, já está na hora de frisar que as faculdades médicas e os hospitais questionem a sua relação com o tempo e reconsiderem o ritmo do trabalho em saúde. O impulso para a inovação e a busca incansável por uma cura contribuem talvez mais para o desejo das pessoas saudáveis de vencer a doença, de avançar mais rápido do que ela, do que para cuidar da experiência das pessoas doentes, como, entre outros, a escritora francesa Claire Marin expõe muito bem em *Hors de moi*.<sup>7</sup> A educação e a pesquisa médica e de atenção à saúde devem ousar ser fora de época, repentinas e até mesmo fora de moda: por exemplo, embora o modelo atual leve todas as escolas médicas a adotar a inteligência artificial<sup>8</sup>, e embora possa haver verdadeiros benefícios para a IA em termos de acelerar o trabalho de educadores e pesquisadores, podemos duvidar de que isso ajude a compreender a dor, o sofrimento, a angústia ou, de forma mais geral, a experiência de quem se depara com a enfermidade. Pelo contrário, a ligação a essa experiência não pode ser feita de forma rápida ou eficiente e requer o que poderia ser denominado uma inteligência “natural” ou, ironicamente, uma inteligência cada vez mais intempestiva. Ao invés de trabalhar em um ritmo diferente daquele dos seus pacientes, os profissionais de saúde poderiam aprender a abrandar e a aproveitar o tempo paradoxal para ser extemporâneos: tornando-se assim

capazes de ouvir outras vozes frágeis e fugazes, como faz Biron. Ao sincronizar o ritmo do seu trabalho com aquele dos seus pacientes, eles poderiam de fato curá-los melhor e, paradoxalmente, conseguir o que acreditam que só conseguiriam se fossem sempre mais ágeis. Eles aprenderiam sobre a experiência de seus pacientes e também como seus pacientes veem o mundo e o compreendem de um ponto de vista único.

### Conflitos de interesse

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas privadas e fundações, etc.) foi declarado para qualquer aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subsídios e financiamento, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação do manuscrito, análise estatística, etc.).

### Indexadores

A Revista Internacional de Educação e Saúde é indexada no [DOAJ](#) e [EBSCO](#).



### Referências

1. Biron C. Jardin radio. Montréal: Le Quartanier; 2022.
2. Derrida J. Specters of Marx: the state of the debt, the work of mourning, and the New international. New York: Routledge; 1994.
3. Pender K. "Kairos" and the Subject of Expressive Discourse. *Composition Studies*. 2003;31(2):91-106. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43501556>
4. Nietzsche F. *Untimely meditations*. Cambridge; New York: Cambridge University Press; 1997.
5. Agamben G. What is the contemporary? In: Agamben G. *What is an apparatus? and other essays*. Stanford University Press; 2009. p. 39-54.
6. Canguilhem G. *The normal and the pathological*. New York: Zone Books; 1989.
7. Marin C. *Hors de moi*. Paris: Allia; 2008.
8. Cooper A, Rodman A. AI and Medical Education — A 21st-Century Pandora's Box. *N Engl J Med*. 2023 Aug 3;389(5):385-7. <https://doi.org/10.1056/NEJMp2304993>